

Transcrição de entrevista**Entrevistadores:** Lucas Oliveira Costa (L) e Ricardo Zanchetta (R)**Entrevistado:** Nivaldo da Silva Felix (N)

São Paulo, 13 de maio de 2025

Duração: 1 hora

Realizada presencialmente no ateliê de fotografia do CAP

ENTREVISTA COM NIVALDO DA SILVA FELIX

N: Eu, Nivaldo da Silva Felix, sou técnico do CAP¹ em... em gravura e... em fotografia. Gravura, abrangem todos os meios de lito², de metal, todas as técnicas de gravura. E tô aqui com meus amigos o Lucas e o Ricardo. Vão fazer uma entrevista comigo pra fazer... pra professora Sumaya. É isso. E vamos começar... A dar... desenrolar das perguntas.

[trecho suprimido, problema técnico]

N: Tá. O que nós se perdemos aí, foi?

R: Aqui a gente não tem... O nosso roteiro é livre. Tanto que eu queria saber, o Lucas tava fofocando comigo. Ele falou que você faz umas fezinhas³. Você joga na loteria?

N: Jo... Joguei muito na loteria. Joguei muito na loteria. E era eu e o Henrique. Nós jogávamos juntos, direto, direto. O Sr. Henrique⁴, do audiovisual, que veio a falecer. E nós jogávamos direto. Tinha uma motoeira de cartões. Na..., mas isso é besteira. E nunca ganhamos nada.

R: Você já ganhou? Não ganhou nada?

N: Nada! Só trocava⁵, às vezes, joguinho por joguinho, besteirinha. Assim, de prêmio mesmo, para estabilizar. (Risadas)

R: E se você ganhasse na Mega da Virada⁶? O que você ia fazer com essa bolada?

N: Olha, eu... Eu, particularmente, não saberia o que fazer. Acho que ninguém sabe. Justamente por você vir de anos trabalhados, proletariados e não ... é uma coisa de ter dinheiro na sua mão. E você não saberia o que fazer, o que comprar, pra onde ir, pra onde ficar.

L: Você ia continuar trabalhando?

¹ CAP, 'sigla' para Departamento de Artes Visuais da ECA-USP, embora as letras não coincidam com as iniciais, trata-se da designação formal do departamento. A comunidade interna pronuncia "capi".

² Litografia, técnica planográfica de gravura/impressão, utiliza matriz de pedra calcária.

³ Fazer uma fezinha: expressão popular para prática de fazer uma aposta em jogo, no caso aqui refere-se à loteria oficial.

⁴ Sr. Antonio Henrique Sobrinho foi o técnico do laboratório de audiovisual do CAP, faleceu em 2022. Sua vaga ainda não foi reposta.

⁵ No contexto das apostas na loteria, o termo 'troca' é informalmente usado por alguns apostadores para se referir ao ato de utilizar o valor de um prêmio, geralmente de pequeno montante, para realizar uma nova aposta.

⁶ A Mega da Virada é o maior prêmio da loteria brasileira. Trata-se de um sorteio especial de fim de ano da principal modalidade, a Mega-Sena, cuja característica marcante é o fato de não acumular, o que se torna um atrativo adicional para os apostadores. A título de exemplo, a Mega da Virada de 2024 alcançou o valor histórico de R\$ 635,5 milhões, o maior prêmio já registrado na história das loterias no Brasil.

N: Eu acredito que sim. Por isso que me move. Até agora, foi o trabalho. Acho que deixar de trabalhar seria um... desastre!. Assim, um desastre não seria. Eu tinha que ter... ou adaptações, que era pra ficar, pra conseguir equilibrar isso aí. Mas quem está acostumado a trabalhar é muito difícil, muito difícil. Sair de casa todo dia, voltar todo dia. E você ficar sem fazer isso seria um... uma adaptação... difícil! Principalmente porque eu tenho mais de 40 anos trabalhados, né?

L: Boa parte desses 40 anos foi dedicado à USP.

N: Foi na USP mesmo.

R: Você começou a trabalhar...

N: Eu conheci a USP em mil novecentos e, acho que, em oitenta por aí. Eu jogava bola⁷ com o pessoal aqui da ECA e vim entrar na USP em 1983. De 83 para cá. Eu nem faço conta mais. Já me perdi (risada), já me perdi nas contas. Mas eu sou de novembro de 83. Quase 84, né?

L: E qual foi a... Como é que você entrou, assim? Como é que foi? Não era Concurso⁸ na época?

N: Não, na época não era concurso. Como eu já conhecia o pessoal e a gente se dava... Jogava muito bola juntos. Então, eu vim ingressar dentro da USP em 83. Depois que foi o processo de cursos. Depois passei para técnico. Foi um monte de... de passagens.. até agora.

L: E qual foi a sua primeira ocupação?

N: A primeira ocupação que eu tive foi... Na USP. Eu comecei a trabalhar... na gráfica⁹. Vocês podem até puxar a gráfica que tinha aqui. Igual eu já comentei com você.

L: Na ECA?

N: Na ECA, que é a parte de baixo.

L: Do prédio [central], né?

N: É. Na parte de baixo até a portaria ali era tudo gráfica. Não tinha repartições ali. Não tinha... Então, eu comecei por ali, mas comecei com... Trabalhei muito no acabamento. Acabamento de livros.

L: Pode se chamar de arte final?

N: Não, não seria arte final. Seria... Como se diz? Plastificação, é... confeccionar, encadernar teses, plastificar capas, não tinha ajuda de máquina, tinha que ser manual. Tinha guilhotina, cortar, pegar livros, prensar, colar, grampear.

L: Esses processos você que fazia?

⁷ “Jogar bola” é uma expressão coloquial muito popular no contexto nacional para se referir ao ato de praticar futebol. Em geral, não há confusão com outros esportes que também utilizam bola. Informalmente reivindicada pelos jogadores de futebol, essa expressão reflete o domínio cultural do futebol no país, e resta aos entusiastas de outras modalidades o papel de “perdoar” esse verdadeiro imperialismo linguístico.

⁸ Concurso é um processo seletivo para contratação de funcionários públicos, que passou a ser exigido para servidores de carreira após a Constituição de 1988. Antes dessa exigência legal, as contratações eram feitas diretamente. Vale destacar que o concurso é obrigatório para cargos efetivos, enquanto cargos em comissão e temporários ainda podem ser preenchidos sem concurso.

⁹ Gráfica Francisco Rocha Morel ECA USP; sobre o patrono ver:

http://www.mac.usp.br/mac/templates/exposicoes/exposicao_artejornalismo/expo_virtual/virtual6.htm

N: É, eu que fazia. Eu e mais... No tempo, seria eu e mais dois.

L: O volume era grande, né?

N: Nossa, era... Fazia umas tiragens de mil livros.

L: Por mês? Por dia?

N: Não, não tinha como... Não tinha a previsão. E você não sabia de onde vinham. A maioria... Trabalhei muito com o pessoal do jornalismo editoração. Até tinha um professor que era nosso orientador, o professor Coelho Sobrinho¹⁰. Não sei, acho que ele está aposentado. Acho que ele chegou no topo da... Eu vi ele esses dias aí. Chegou no topo, acho que de 75 anos¹¹. Você pode até pesquisar, Coelho Sobrinho. E ele era... E a maior parte do trabalho vinha do jornalismo e da escola em geral. Porque essas coisas de panfletos, cartazes, folders, caramba, era tudo rodando dentro da gráfica. E livros. Nós tínhamos tudo isso aí dentro. E depois, quando começou...

E tinha tudo lá. Tinha desde linotipo¹², de... vocês conhecem... Vocês não vão conhecer o linotipo.

L: Só na teoria.

N: É de chumbo, de fazer letras, de arte finalista, de gravações, de gravações de fotolitos¹³, de fotografia. Então, era tudo isso. E que rodava cada... Eu não sei de falar. Eu conheci muitas gráficas. Mas cada unidade tinha a sua própria gráfica. Que rodava em fazer esses trabalhos. Editoração, panfletos, cartazes. E ficava um bom tempo também. Como é que se fala? O próprio... a administração usava muito. Tudo, tudo era feito... Era a gráfica que fazia. Não tinha esse negócio de xerox¹⁴. Mas era depois que veio o xerox. Era coisa que... começou a dar... Fazer mais... Geralmente, fazíamos tudo. Eu não sei se já te mostrei o livro que a gente confeccionava da

¹⁰ Professor José Coelho Sobrinho. Em depoimento por ocasião do aniversário de 50 anos da ECA, o professor faz algumas menções ao período em que esteve responsável pela gráfica. Um trecho curioso é "...A gente fazia churrasquinho dentro da gráfica, porque as máquinas não podiam parar. Então as coisas eram diferentes. Era muito mais de você por a camisa, de você suar junto, saber que aquilo era importante..."

Ver mais em: <https://memorias.eca.usp.br/sites/default/files/transcricoes/transcricao-coelho.pdf>

¹¹ Nos termos da Lei Complementar nº 152/2015 e da Emenda Constitucional nº 88/2015, a regra da aposentadoria compulsória aos 75 anos aplica-se a todos os servidores públicos titulares de cargos efetivos, sejam estatutários ou celetistas. Informalmente chamada de "expulsória", essa mudança representou uma extensão adicional de cinco anos em relação à regra anterior.

¹² O linotipo é um processo de constituição da matriz gráfica em chumbo reutilizável que substitui a composição manual por tipos móveis, representando uma significativa redução no tempo e no trabalho envolvidos no processo gráfico.

¹³ O fotolito é uma técnica de pré-impressão que utiliza um filme transparente com a imagem/texto para produzir matrizes usadas na impressão final.

¹⁴ "Xerox" usado de maneira informal, tornou-se sinônimo de fotocópia, técnica de cópia de documento auxiliada por máquina.

professora Cremilda Medina¹⁵. Não sei nem se ela está... Se ela está ainda... dando aula ou está em outra repartição. E é isso aí. E com os anos acabaram com a gráfica.

L: Por volta de que época, assim, mais ou menos?

N: Olha... Quer ver? Eu vim aqui para o CAP em 97. A gráfica deve ter... Deve ter... O começo de... Sei lá... De acabarem... Acho que uns... 2, 3 anos antes disso. 94, 95... Que foi... Diminuindo. Aí saímos daqui do principal e foram para o barracão lá do outro lado da avenida. Onde tinha os barracões¹⁶ ali.

L: Que é mais ou menos na frente da ECA?

N: Praticamente na frente da ECA. Ali onde existe agora, Internacionais¹⁷.

R: Sim!

N: E acho que ainda tem o barraco do 22 ainda. Bem lá, encostado na FEA¹⁸. Acho que tem um barracão lá ainda.

L: E a gráfica foi para lá?

N: E a gráfica foi de frente à ECA. O B9¹⁹ era o barracão da música. Você vê algumas coisas... (risadas).

L: Da música?

N: Era o barracão da música. Era B9.

¹⁵ Professora Cremilda Celeste de Araújo Medina. O livro que Nivaldo comenta é uma edição da série São Paulo de Perfil, que foi assim referido pela própria professora "... Em 1987, começaria a série São Paulo de Perfil, 27 livros-reportagem com os alunos de graduação de Jornalismo, alunos do pioneiro programa da terceira idade na USP e colaboradores ou alunos de pós-graduação. Uma ou duas edições por ano, a coleção desenvolveu até a primeira década do século 21 itinerários que desbravam, na reportagem-ensaio, histórias de vida, marcas de identidade cultural e contextos de São Paulo..."

Ver mais em <https://www.agoraeca.com.br/Trajetorias/Trajetorias-no1-Cremilda-Medina.pdf>

Numa publicação de 1994 a autora comenta a experiência da série, neste trecho constam dados de tiragem: "...Os livros da Série São Paulo de Perfil são impressos na gráfica da Escola de Comunicações e Artes e representam, no orçamento de projetos e laboratórios do Departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo, a parcela menor, quer dizer, onze mil reais por ano, cinco para cada edição de mil a mil e quinhentos exemplares (de 1993 em diante) por semestre e mil reais para outras despesas..." (p. 99). Desta publicação também destaco um trecho que revela os desafios burocráticos e o afeto com os funcionários da gráfica: "Mas as dificuldades vão adiante na produção gráfica do livro no âmbito da universidade. Os gráficos da ECA se apaixonaram pelo projeto e essa é a principal força que faz superar os clássicos entraves que todos conhecem em qualquer espaço público de produção de livros. O empenho e a afeição têm dado, ao longo de oito anos, uma marca cada vez mais identificatória do projeto também no grafismo, capas, tratamento visual. A tal ponto que em junho de 1994, num encontro no Sindicato dos Jornalistas do Mato Grosso, o exemplar número 14 da série - Nau dos Desejos - foi elogiado: "Parece um livro feito pela Companhia das Letras". Mal sabe esse jornalista que doloroso parto, a cada semestre, põe em pé o livro, ultimamente beirando às 300 páginas impressas." (p. 100-1)

Ver mais em: <https://revistas.usp.br/comeduc/article/view/36209>

¹⁶ Galpões edificadas em metal (não em alvenaria), provisórios, referidos pela comunidade uspiana como "barracões" sugerindo a precariedade destas construções.

¹⁷ Prédio da AUCANI - Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional.

¹⁸ Prédio da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP).

¹⁹ Ver fotografia do final dos anos 60 em:

<https://www.eca.usp.br/institucional/da-ecc-eca>

Indicação do barracão B9 p. 25 em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003051029.pdf>

R: Aí colocaram a gráfica lá?

N: Aí eles vieram aí. Construíram os prédios. Vieram para cá. Aí deslocaram a gráfica para lá. E tinha um... Deixa eu lembrar. Tinha um monte desse... Como é que se agrega a USP? Não é... Organização ... tem outro nome. Como é que se vincula na USP, mas não com o nome da USP. Só pega o espaço.

R: Fundação²⁰?

N: Fundações. Acho que até hoje dentro da USP é cheio de fundações. Eu acho que até no 22, no último lado, no último barracão. E eu acho que ainda tem fundações lá, se não me... é que faz tempo que eu não vou lá. Ainda tem muitas fundações por aí, espalhadas.

L: Você trouxe um objeto para a gente, aqui. Queria que você falasse um pouco dele para a gente entender um pouco da gráfica?

N: O objeto... Isso aqui seria uma chapa²¹... dá outra, só para você dar uma olhada. Seria uma chapa que tem, uma emulsão²² e depois do original, que seria um fotolito, ou qualquer outra coisa que tivesse um preto para fazer a própria gravação. E seria... Isso seria feito... Seria feito em máquinas e depois reveladas.

Depois reveladas. Você tiraria a emulsão e o que ficava só era a gravação. Agora tem isso aqui... Não sei se eu... Acho que eu fiz isso aqui, quando eu estava aqui no CAP, essa gravação.

Quando eu saí da gráfica, eu já fazia isso aqui. Cê vê, todo o processo que eu passei dentro, eu acabei finalizando em gravações, e onde alimentava as máquinas para impressão. As máquinas que produziam a impressão. De livros, de textos. Aí depois vinha... Vinha do pessoal que tinha. Eles montavam, colocavam em cima de um acetato, que era do tamanho da impressão da máquina. Seria meia folha. Meia folha de resma. A resma, acho que tem noventa e... Acho que noventa e seis. E seria meia que computava com a chapa que era do tamanho mesmo. A gravação foi um dos últimos em que quando eu tive que... Que sair (risada) Foi uma transferência que... Na época fiquei muito...

L: Você pode escolher?

²⁰ As fundações referidas aqui são pessoas jurídicas de direito privado que estão ligadas à USP. Um exemplo dessas fundações é a famosa FUVES, fundada em 1976 para unificar os vestibulares da USP, que cumpre papel de apoio acadêmico. Entretanto, parte dessas fundações é percebida com grandes ressalvas por parte da comunidade uspiana. Por exemplo, o SINTUSP (Sindicato dos trabalhadores da USP) critica as fundações privadas ligadas à USP por favorecerem a privatização do ensino e da pesquisa, operando como empresas que utilizam recursos públicos para beneficiar interesses particulares. Ver mais em:

<https://www.sintusp.org.br/2025/03/17/cdb-discute-relacao-da-usp-com-fundacoes-privadas/>

²¹ Chapa de offset é a matriz do próprio processo de impressão gráfica offset, e ainda é usada pela indústria quando um volume elevado de impressões justifica essa opção, rateando o custo de produção das matrizes.

Quando Nivaldo pede outra chapa, é porque uma delas já está gravada e a outra não, permitindo a comparação.

²² Emulsão é uma camada química sensível à luz, geralmente composta por compostos fotossensíveis como halogenetos de prata em gelatina, que, após exposição e fixação, forma uma matriz permanente utilizada em processos de gravação e impressão.

N: É, não tive escolha. Não tinha escolha (risada). Entendeu? E eu trabalhava com o pessoal autarquia²³. Eu era celetista. Como até hoje sou. As leis trabalhistas, aquela coisa. Então, eu fui... Escolhido. Pela maioria, eu ganhei o voto (risada). Eu vim pra cá e tinha um pessoal, uns amigos aqui. Tinha o Seu Antônio²⁴, que era já técnico aqui dentro. Eu já conhecia também. E então ficou fácil pra mim.

L: Você teve um acolhimento, você diria?

N: Não entendi. Acolhimento? É, acolhimento. Eu já conhecia. O CAP não era aqui. O CAP era no CTR²⁵. As oficinas eram aqui no CTR. Entendeu? No CRP²⁶. Tinha, tinha... Mas era, sei lá... Tinha lito misturado com tinta²⁷. Não tinha espaço. Não tinha nada. E daí que veio pra cá. Conhecia tudo lá. Mas quando eu vim aqui... aqui começou a se organizar. Que o... O laboratório não era aqui. O laboratório, era no principal, de fotografia.

L: Analógica?

N: É. Depois teve um período aí... Sei lá. Passou muito tempo. De diretores. Aí sofreu um incêndio²⁸. O laboratório.... É, as coisas são meio... difícil ter datas. Teve incêndio no laboratório. E tinha técnicos. Quando eu vim pra cá, já tinha. Já estava formado aqui. E tinha outro técnico aqui. Aí... Fiquei e... Teve um tempo... uma passagem do tempo que, às vezes, não tinha técnico. Não tinha técnico aqui. Não tinha o Valdir²⁹. Não tinha o Olávo³⁰.

L: Praticamente, o Sr. Antônio.

N: É. O Sr. Antônio e a gente trabalhava juntos aí pra fazer as coisas. Tinha outro... Acho que tinha um técnico de... Acho que de marcenaria. Tinha outro técnico. Não era o Vanderlei³¹. E as coisas mudaram muito. Mudaram muito.

L: Uma curiosidade nossa. Como é que você aprendeu fotografia? Como é que você chegou na fotografia?

²³Regime de contratação regulado por estatuto próprio. A relação que Nivaldo estabelece é que, já na década de 1980, ele foi contratado em regime CLT, mas havia ali servidores autárquicos contratados. O termo autárquico refere-se ao modo como o próprio estatuto os denomina: "...Art. 2 – São servidores autárquicos da Universidade de São Paulo:..." no Estatuto dos Servidores da Universidade de São Paulo (Portaria GR nº 239/1966). Atualmente, na USP, as contratações dos professores são regidas por estatuto, já os servidores administrativos (com exceção de servidores muito antigos) são regidos pela mesma lei dos empregados em empresas privadas, embora gozem de algumas prerrogativas, pois a legislação os qualifica como empregados públicos. A percepção dos celetistas sobre os estatutários é que sua relação é mais precária, embora isso possa variar. Em instituições de ensino superior da esfera federal, servidores administrativos também são estatutários, como os professores - seria uma despadronização justificável? Cabe lembrar que universidades, como outras instituições públicas, mantêm relações de emprego ainda mais precárias, pois, para vários serviços, houve cisão entre serviços 'fins' e serviços 'meios', e, nesta última, vários empregos foram terceirizados, adicionando intermediários, nem sempre responsáveis, na relação de trabalho.

²⁴ Antonio Albuquerque, técnico do laboratório de gravura, atualmente aposentado.

²⁵ Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR)

²⁶ Relações Públicas, Propaganda e Turismo (CRP)

²⁷ No contexto, tinta refere-se à pintura, o que significa que os espaços eram menos separados fisicamente do que são hoje. Por exemplo, atualmente, o ateliê de pintura tem sala própria, e a litografia ocupa espaço no ateliê de gravura.

²⁸ Houve um incêndio no prédio central em 01/10/2001; ver mais em

<https://bibliotecadaeca.wordpress.com/tag/incendio/>

<https://www.agoraeca.com.br/2024/05/24/voce-sabia-35-incendio-na-eca/> e

<https://memorias.eca.usp.br/content/inc-ndio-no-pr-dio-central-da-eca>

Também houve um princípio de incêndio em 2010 relatado no Jornal do Campus:

<https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2010/08/bombeiros-controlam-principio-de-incendio-na-eca/>

²⁹ Valdir Flores Teixeira, técnico de laboratório de gravura.

³⁰ Olavo José da Silva, técnico de laboratório de serralheria.

³¹ Vanderlei Martins de Souza, técnico de laboratório da marcenaria.

N: É, eu virei o...

R: Eu queria saber. Antes... Você não contou pra gente como você... várias coisas que você aprendeu na gráfica. Mas antes, você já trabalhava? Já sabia alguma coisa?

N: Não, não. O técnico de produção de fotolito era um... Era um... O Carlos³². Então a gente trabalhava muito juntos e tem um pessoal que também já faleceu. Então era fácil perceber essas coisas de fotolito, de retoque, de gravação, de montagem. Então quando eu vim pra cá, que isso aqui não era o meu espaço ainda, e tinha esse outro técnico, aí a gente começamos juntos. Como eu já sabia muita coisa... assim, pelo tempo, pelo período dessa... De se... Ficar... Deslocado da área de gráfica, por uma área de artes práticas, isso aí foi a melhor coisa pra mim, entendeu? Eu pensei que seria uma coisa... mas não. Foi muito bom vir. Então, ficou muito fácil pra mim. Agora, gravura sim, a gente começa a trabalhar. Começa a trabalhar, começa a ver processos. Mas isso foi... Foi melhor do que eu ter ficado. Porque eu juntei tudo. Nossa, quando eu fechei tudo, eu falei assim, pronto. Eu sei tudo. Praticamente, assim. Nunca a gente sabe tudo. Vamos aprender, principalmente com alunos, com graduação, com pós graduação, fazendo todos os processos. Então, a gente aprende muito. Mas eu fiquei... nos primeiros três dias, fiquei em choque. Mas depois, foi fácil.

R: É que a relação é muito diferente, né?

N: É, a relação é mais diferente, mas, mas assim... Acho que pelo... fato de conhecer a ECA. Porque eu nunca saí da ECA. Então, eu nunca... Tinha muitos amigos que já foram pra, sei lá, física. Foi pra lá, foi pra cá, foi pra lá. Não, eu sempre fui ECA. Conhecía todo mundo. Eu vinha aqui, eu era garoto, pô. Eu era garoto, tinha... Não sei.

L: Que ano você nasceu?

N: Eu sou.. Eu acho que eu tinha, na época, tinha 23, 24 anos. Era moleque, eu era moleque. Vim de outros trabalhos. Trabalho fora, depois eu vim pra cá, mas era... Era molecão de tudo. Tinha muito fôlego. Eu morava muito longe e trabalhava aqui. Então, era muita... era muito gás, né? Muito gás pra poder aguentar essa... Essa correria. Mas, faz de conta, se fosse colocar... Em Km.. Em km, daria... 51 Km de ida.

R: Nossa, onde você morava?

N: Eu morava no Itaim Paulista.

R: Sei. Nossa, era uma viagem mesmo.

N: E, não, 51 só pra vim, pô. E tinha a volta

R: E você já vinha de moto?

N: Eu já vinha de moto. Na época eu tive moto. Aí eu já vinha estourando as motos nessas... Nessas marginais da vida. Estourei motor de moto até umas horas (risadas). Aí, depois, tinha... Aí, teve um tempo que eu vinha também de trem, metrô. Pegava tudo quanto era condução. Hoje, que é uma maravilha, imagine... na época (risadas). E, então, foi isso aí, véio. Tá? Tudo que eu tenho pra falar com vocês é isso. Beijós. Até logo.

³² Carlos Roberto de Sillos, funcionário da gráfica. Na edição Nº 14 (1994) da *São Paulo de Perfil*, ele está identificado na função de 'fotolito'. É esta edição que Cremilda Medina comenta ter sido elogiada no "...Sindicato dos Jornalistas do Mato Grosso, o exemplar número 14 da série - Nau dos Desejos - foi elogiado: 'Parece um livro feito pela Companhia das Letras'...". Ainda hoje, a comparação é válida, sinônimo de boa edição, acabamento etc.

Ver mais em: <https://revistas.usp.br/comeduc/article/view/36209>

L: Forçando só mais um pouquinho.

N: Não, não. Não, pode ir falando. Tô brincando.

L: A gente que é aluno, a gente aprende muito com vocês técnicos.

N: Ah, sim.

L: E, assim, vocês acabam cumprindo um papel de educador também, né?

N: Ah, eu acredito que sim. É, igual eu estava comentando... Eu comento com a minha esposa, com meus amigos. Aí eles falam assim: porra Nivaldo, você não é professor. Eu sei que eu não sou professor. É que eu tenho o gosto pelo... Por fazer...Entendeu? Acho que é a dedicação e você. Você acaba... (risos) Mas, não importa. Para os técnicos, acho que não importa.

R: É, porque eu imagino que mudou muito. Lá na Gráfica, você não tinha muito contato com alunos, né?

N: Eu tinha um contato, mas não era... Eu trabalhava muito com alunos. Mas, eu não tinha contato diretamente. Entendeu? Eu fazia muitos trabalhos. Muitas gravações de cartazes, de folders. Fazia muita coisa. Mas, não tinha esse contato direto. E também... Os próprios alunos não tinham muito contato com o pessoal. Era tipo... Tinha um intermediário.

Tinha... Além dos professores. Das disciplinas, de editoração, de ensino, de pesquisa.

Eles que vinham. E eles tinham aula de editoração, acho que uma vez por semana. Não sei. Aí, eles saíam do jornalismo e iam para a Gráfica para poder trabalhar, pesquisar.

E, às vezes, levavam as coisas. É igual faz aqui. Os caras traziam os originais. Aí, pro pessoal fazia um fotolito. Aí, vinha para mim para fazer a gravação na chapa. Igual isso aqui. (mostra chapa de offset) para depois imprimir. Fazia um monte de coisas assim. Mas tinha aula de editoração. E eu não tinha muito contato com eles porque era mais professores com os graduados da própria Gráfica. Tinha um pessoal que era mais velho. Era, como se diz, encarregado, chefes.

Mas, a princípio, eu fazia muito trabalho para alunos, para professores. Fazia muita coisa. Às vezes, encadernação. Tinha muitas coisas para fazer. E aí, a gente acabava fazendo, mas não tinha muito contato com o que seriam os alunos da própria escola, da própria graduação. Não tinha...

Não tinha muito esse contato.

L: Isso foi mais aqui, né?

N: Isso foi mais aqui, quando eu cheguei aqui. Porque eu não trabalhava com alunos. Eu trabalhava com encarregados, amigos, colegas. Trabalhos que vinham. Aí, era dali para fora. Eu ficava nisso, mas não tinha muito contato com alunos. Aliás, eu nem gostava. (Risadas)

R: E isso mudou nesse tempo?

N: Mudou, mudou, porque isso é o contato mesmo. Não tem o que fazer. Se você não conhece, também... Mas, depois que você faz parte da vida deles. E eles fazem da sua. Aí fica... Fica mais ou menos juntos. E foi tanta gente que passou aqui já.

L: Mas você fala com um sorriso no rosto. Eu vejo que você gosta muito.

N: Gosto. Eu gosto do que eu sei fazer. É o que eu sei fazer e o que eu me dedico a fazer. Então, fica fácil para mim. Com essa bagagem que eu tenho. Não é verdade? quem trabalhou comigo. Você trabalhou comigo. (dirigindo-se a Lucas) Eu também trabalhei com você? (dirigindo-se a Ricardo)

R: Muito pouco. Mais lá na gravura.

N: Mais na gravura, né? Lá é o Valdir que comanda. Principalmente o metal, a xilo, né?

R: Você me ajudou muito em serigrafia e litografia. Eu fiz (fotografia) analógica na época da pandemia.

N: Ah, sim. Foi muito difícil aqueles anos. Como é que se diz? Não tinha tanto contato. Não tinha prática. Pra mim, tudo que me envolve é a prática. Tudo que me envolve é a prática. Se eu fizer um revelador³³ que não deu certo, uma ampliação³⁴ que não deu certo, eu quero saber o porquê. Eu já fico assim... Apreensível do fato de não dar certo. Porque pra mim tem que dar. Pra mim tem que dar. Aí mudo tudo e faço de novo. Esse é o meu foco. Ahhh, os alunos dizem: Ah, deixa pra lá. Não, pra mim não. Pra mim não. Eu não deixo.

L: Engraçado você falar isso, agora puxando a memória, realmente, né? Eu acho que eu já passei por essa situação. De dar alguma coisa errada, por exemplo, o revelador, tem uma hora que ele... Chega, né? Ele não revela mais. Aí mancha foto, né? Bem característico.

N: Bem característico mesmo.

L: E aí você vai lá e... Muito sério, né? (Risos) É legal, é verdade. Você tem essa prática. É.

N: Eu tenho a prática de ver... Se eu estiver vendo, eu já sei o que está acontecendo. Eu sei o que deu de errado, o que aconteceu. É a prática que me move, que me deixa ver certas coisas. E uma pessoa que me mostra uma gravura ou uma ampliação, ou um filme, eu posso falar tudo o que aconteceu. Entendeu? Só de olhar para a imagem. É coisa só de fazer mesmo. Uma gravura, até a própria serigrafia. Se eu bater o olho no original, bater o olho na tela, não vai dar certo. (risos) Refaz, refaz... Faz assim, que... Aí vai dar certo. Tudo requer um tempo, né? Às vezes, assim, se você está vendo uma coisa que não vai, você já adianta

Tudo bem, serve mesmo eu fazer o que quiser. Se quiser fazer, eu só estou avisando que, às vezes, pelo que a gente conhece, é melhor refazer. Nenhum tempo é perdido. Aprender é importante. Às vezes, a gente não tem esse tempo, principalmente quando você está... Você tem que apresentar algum trabalho. Você tem que acelerar um pouco.

Não é verdade? A gente aprende assim. E tantas pessoas que nós já formamos aqui, que todos eles me ensinaram... Você vê? Me ensinaram. Com as técnicas, com erros, com os acertos. Me ensinaram um monte. Então... Eu estou sossegado.

R: Deixa eu te perguntar.

N: Pode falar. Eu que estou falando demais.

R: Não, está ótimo. É o que a gente queria: ouvir você. Mas... Você tem toda essa experiência. O que você considera importante para alguém saber em fotografia? Para o pessoa poder falar que sabe?

N: Importante em fotografia? Eu não sei lhe dizer. Além de eu apresentar o... Você tem que aprender a ler a foto. Assim, as altas luzes, as baixas luzes, o enquadramento... Você tem também aquela coisa de contraste, de suave... A ler o negativo, antes de ser ampliado, entendeu? O método que você vai usar desde reveladores, desde filtragem, de imagem... Para você chegar no limite que ela te dá. Porque você não é o limite.

Você fala assim: Nivaldo, essa foto está boa. Eu não vou falar que está boa. Você que tem que falar. É o seu trabalho. E assim... Não vai estar errando. Acho que vou desistir. Não. Não desiste, não. Tenta de novo. Tenta

³³ O revelador é um produto químico que permite que a fotografia analógica seja revelada, transformando a imagem latente em um negativo visível.

³⁴ Ampliação é o processo de transferir a imagem de um negativo para o papel fotográfico.

isso aqui. Tenta... Não usa esse químico aqui. Usa outro químico. Ver onde você chega... Essa é a finalidade da coisa. Finalidade do aprendizado.

Vou falar para você. Eu acho que um semestre em fotografia é muito pouco. Muito pouco. Para quem quer aprender. Você tem que ter muito mais tempo. Muito mais tempo. Vamos falar assim... De um ano... Um ano e meio, dois anos. Para você começar a entender. Principalmente que a turma que nós estávamos aqui. Semestre passado. Outro semestre. Era muitos alunos dividindo tudo. Fica difícil na hora de fazer.

O analógico não tem nada a ver com o digital. O analógico é outro mundo. Outro mundo que o tempo... Passou. Mas é outro mundo. É outra coisa. Eu estou aqui com... Eu não sei qual é o top do smartphone. (gesticulando como se estivesse manuseando celular) Sei lá. Eu apago. Eu tiro 30, escolho uma. Entendeu? Não seria isso. A coisa... Analógica.

L: É. Fala para um jovem que vai demorar 10, 20 minutos pra você processar uma imagem. Mas é tão rápido aqui (se referindo ao celular)

N: É. Sabe? Isso aqui eu posso ir pro... Sei lá. pra um acervo, pro photoshop³⁵, criar uma pasta e deixar lá tudo embutido. Mas aqui não. Aqui eu acho que... Eu não sei... Se alguém vai ficar por aqui. Mas isso aqui é... Acho que na USP... é o último laboratório que existe.

L: Isso que eu ia comentar. Quando eu entrei na USP... Em... 2018? Ainda tinha o laboratório da FAU³⁶. Mas eu lembro que teve uma transição. Veio coisa de lá pra cá, né?

N: Que trabalhou... Eu só conhecia dois de lá. O senhor acho que morreu. E a outra também não tive mais notícia. Que fazia esse trâmite. Fora os outros que eu não conhecia. Mas... Eu trouxe umas coisas de lá. Trouxe uns químicos de lá. Eu trouxe...

Não... O que deu pra usar, nós usamos. Tem umas coisas aí... Lá no... No EDA³⁷. Tem uns ampliadores³⁸... Relógios... Mas tudo... Porque eu tenho muito aqui também. Eu não consigo ter espaço físico. E também... Ninguém vai mexer mais com isso. Mas tem umas coisas lá no EDA ainda, que veio da FAU.

L: Mas assim, o CAP, né? Na época. Acaba preservando um pouco essa cultura, né? Por ser remanescente.

N: Remanescente e... Eu vou te falar mais. E sempre foi alguma coisa puxada pra deixar. Como seria? Comunicações e artes. E tem junto... Vou te falar. O jornalismo. O CRP³⁹. O próprio teatro. O teatro. O CTR⁴⁰. Que é a Rádio TV. Sempre você vai ter acervo. Sempre você vai ter alguma coisa... Que... Que ficou pra trás. Mas não ficou pra trás. Ficou tipo um acervo, que você pode consultar. É tipo... Como se diz? Uma biblioteca, vai? A biblioteca da ECA tem muito... Muito acervo ali. Desde a época que eu era estudante. E consultava ali certas coisas. Tanto pra mim... Como pros meus filhos. O meu filho sempre ia... Corria pra biblioteca. Não tinha esse negócio de pesquisar no celular. (gesticulando como se mexesse no celular) Você tinha que correr atrás das bibliotecas e dos acervos. Até o xerox era difícil. (risos)

R: Você tira foto? Você bate foto?

N: Eu tiro, mas é esporadicamente.

R: Da família? Você já batia foto?

³⁵ Programa de edição de imagens digitais.

³⁶ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU)

³⁷ Espaço das Artes - ECA USP (EDA)

³⁸ Equipamento utilizado para a ampliação de negativos em papel fotográfico.

³⁹ Departamento de relações públicas, propaganda e turismo da ECA - USP.

⁴⁰ Departamento de cinema, rádio e televisão da ECA - USP.

N: É, já tirava foto de... fazer de meus filhos, às vezes, da família.

R: Mas você ainda bate foto analógica ou você também tá no digital?

N: Não, eu gosto. Eu gosto da analógica. Eu gosto de chegar aqui com o meu filme e revelar o meu filme. Ah, legal. É uma coisa, se eu fizer bem feito aqui, vai longe. Porque aqui tudo que nós fazemos aqui é preservação. Olha o professor, o professor João Musa⁴¹.

L: Na fotografia analógica ele foca bastante, né.

N: Ele foca bastante, por isso que nós temos esse controle todo aqui. Eu poderia deixar aqui; você teria uma bagunça tão grande aqui que você não conseguiria organizar de novo. Se você deixasse o pessoal circular e fizesse o que quisesse. Por isso que eu, eu às vezes, pô: Nivaldo é chato pra caramba. Por isso que a gente pega no pé, porque eu aprendi assim. Então, e o Musa nunca correu disso. Ele nunca correu de fazer as coisas certas justamente pra preservação do material. O material aí é 30, 40 anos, o material tá intacto, né. Tanto, eu falo assim, que a melhor preservação é do filme, que é a matriz. A matriz tem que estar intacta. A matriz tem que tá bem preservada, bem guardada. Você pode reproduzir, você pode fazer o que você quiser, né. Se você erra a ampliação. Joga fora, faz outra. Mas a matriz é o que te dá. A coisa certa.

R: Tenho uma última curiosidade.

N: Pode falar.

R: Qual que era a sua posição no time de futebol?

N: Eu joguei muito de goleiro. Apesar que eu não tenho muita estatura, mas eu joguei muito de goleiro. Joguei muito salão, joguei muito society, muito futebol de areia, gente, joguei muita bola. Apesar que agora o pessoal não me chama porque eu já tô com uma idade avançada.. (risos) O pessoal ainda me chama. Mas eu fico assim. Sei lá, não dá mais. Ter uma contusão aí, Eu não vou voltar mais. (Risos)

R: Melhor evitar.

N: É, melhor evitar mesmo. Mas joguei muito bola. Joguei bola no bairro, aqui, aqui na USP, joguei salão, joguei areia. Joguei no Cepe. Futebol de areia.

R: Você Vinha pra cá jogar bola?

N: Vinha. Vinha e depois que eu entrei. Aí jogava. Aí jogava bola mesmo, né. Tinha um compromisso, mas ixe, futebol de salão. Loucura, loucura.

R: E você quer comentar alguma coisa? Falar alguma coisa que você ficou com vontade de falar?

N: Não, não. Eu falei tudo o que tinha que falar. Da minha trajetória. E uma coisa que eu queria falar também é que o meu aliado é o Dirceu⁴². Eu trabalhei com ele todos esses anos.

L: Desde a gráfica, né?

N: Desde a gráfica. Ele era impressor na gráfica. Então, eu trabalhei o tempo todo com ele. No tempo de gráfica, eu trabalhava com ele. Que já era meu amigo antes. Agora, quando eu vim pra cá, aí eu vim sozinho. Depois que ele veio

⁴¹Professor João Luiz Musa.

⁴²Dirceu Miranda, técnico do atelier de pintura.

L: Quando você entrou na gráfica, ele já tava? Ele te acolheu.

N: É. Mas não foi só ele. Porque, como eu ficava com... Eu jogava bola com eles, com o pessoal. Então, quando eu vim pra gráfica, ficou muito mais fácil além dele. O pessoal já me conhecia. Aí, foi mais fácil. Trabalhei de... 83 até... até 97. Uns 13 anos. Pelo menos. Uns 14 anos. Por aí. Aí, depois que eu vim pra cá. Aí, ele veio. Depois, quando acabaram com tudo da gráfica. O relato que eu falei que foi pro barracão. E, depois do barracão, acabou de vez. Não sei por quê. Mas, você via... Os maquinários alemães. Tudo, sabe? Coberto com um saco preto na chuva.

Umas coisas que... Não deu pra engolir. Uma equipe... Quem conheceu a gráfica... É que cada unidade tinha a sua gráfica. Que fazia essa coisa de administração. Tudo que girava era feito na gráfica. Você vê a equipe, os maquinários. Indo tudo pro ralo.

Eu não sei quem ganhava com isso. Tem diretores e mais diretores. Até falecidos. E conseguiram mudar isso aí. E também não sei porquê... Não dá pra entender. Como é que você vai fazer uma publicação fora... Se você tem os melhores profissionais... Tem tudo ali, Até hoje não... Não entra na mente, né. Essas coisas, né. E sucatear tudo.

Era muito maquinário. E foi se desfazendo. Uma coisa que tinha... Acho que desde o... Acho que desde o início da ECA. Sabe quando? Até hoje não sei quando iniciou. 1900 e... Deixa eu ver aí. Acho que foi lá pros anos... 70. Eu não sei. Eu não sei essa informação. Quando iniciou, né. Ah, às vezes iniciou... Acho que numa precariedade também. Mas depois de tudo montado... Acho que 70, 75... Já tava prontinha. Mas depois foi... Foi acabando.

O que vocês acham de tudo isso?

R: Muito legal, Nivaldo. A gente agradece

L: É, foi muito generoso a sua parte. É?

N: A gente tá falando do Dirceu. Ele já fez essas entrevistas. Ganhou um... Um diploma do reitor. Que ele fez 50 anos⁴³ de dedicação (a usp).

L: Você tá perto também, né, Nivaldo.

N: Tá quase.

R: 42, né? 43

L: Tá chegando lá.

N: Tá chegando lá. Mas acho que eu não vou... Não vou ficar não.

L: Você tava pensando em se aposentar, é isso?

N: Isso.

L: Antes do prazo limite, tá?

N: É. E acho que o... Acho que o prazo limite... Pra você aposentar... Ou ficar ou não ficar... Acho que é 75 anos. Acho que é pra professor é assim também. Eles têm a lei de... De autarquia. Eles não são celetistas. Eles são tudo autárquicos. Eles não fazem entrada ou saída. Como é que se diz?

⁴³<https://www.eca.usp.br/noticias/cap-departamento-de-artes-plasticas/50-anos-de-historia-na-eca-dirceu-miranda>

R: Sem bater ponto, né.

N: É, sem bater o ponto. Eles cumprem as horas que ... que determinam. Mas não batem ponto. Ao contrário de nós, técnicos, que, com chuva ou sol são 40 horas semanais. Eu falo para os alunos: aqui é minha casa. Mas é mesmo. Você sabia que eu moro aqui? Eu falo, brinco com eles.

R: Desculpa perguntar, Nivaldo, mas quantos anos você tem?

N: Eu tenho 60... 65. 65.

R: São 10 anos ainda para aposentadoria (compulsória)... Tem chão, hein?

N: Ah, eu não sei

L: Você ainda tá em Itaim Paulista?

N: Não, eu moro aqui em Osasco.

L: Está mais perto.

N: Claro, pô. Aqui é... Vamos se falar, acho que é 12 quilômetros.

R: Você vem de moto rápido.

N: É, vem de moto é rapidinho. Se não, venho de carro. Estou muito de saco cheio. Precisa de um tempo, então, pra vir de carro.

R: Mas você é daqui de São Paulo mesmo?

N: Eu nasci em São Paulo.

R: Ah, você nasceu em São Paulo.

N: É. Eu nasci em São Paulo.

L: E passou a vida vindo, né? Aqui pra ECA.

N: É, mas aí eu fiquei nesse ritmo... acho que uns 10 anos. Eu estudava no Belenzinho, não sei se vocês conhecem. Belém é...É no meio do caminho, não é?

R: Sim. Eu conheço o Itaim Paulista.

N: Itaim Paulista. Você não conhece. Conhece o Itaim Bibi.

R: Não, conheço os dois.

V: Os dois? É. Então, eu estudava no Belém, ali do lado do Tatuapé. Na zona leste. Aí depois... Aí eu estudava no Belém, depois ia para casa, depois voltava. Era muito, muito...

R: Mas você fez escola no Belém?

N: É, fiz escola. Acabei o... Tinha um supletivo na época também. Aí acabei também. Depois eu comecei... Me dedicar a curso, me dedicar... A arte finalista.

R: Você fez uns cursos.

N: É, fiz os cursos, fui me aprimorando. Ah, eu vou te contar. Foi muito... Acho que hoje eu não faria nada disso. Entendeu? Acabou com o gás. (risos) Era muita coisa, era muita coisa.

R: E ainda ter pique para vir jogar futebol.

N: Mas chegava em casa. Na época de escola, chegava em casa, sei lá, 1h da manhã. 1h da manhã todo dia.

R: Você estudava e trabalhava?

L: E arrumava tempo para o futebol?

N: E arrumava tempo para o futebol. Por exemplo, eu trabalhava aqui, aí eu estudava... E depois ia para casa. E às vezes ficava... ia jogar no sábado. Muita coisa. Viu? Deu?

L: Vamos encerrar? Vamos encerrar! Muito obrigado.